

Conferência

A OPÇÃO DE FRANCISCO: EVANGELIZAR UM MUNDO EM FLUXO

Dr Austen Ivereigh

Dia 3 - 24 de julho de 2018



Queridos amigos,

Que maravilhoso é poder celebrar o 50º aniversário da CVX reunidos aqui em assembleia, neste mesmo sítio que acolheu Francisco durante a sua vida como jesuíta. Durante o meu retiro, aqui realizado na última semana, rezei muito para que as palavras que vou partilhar convosco vos possam ajudar na vossa missão neste mundo turbulento de hoje e, especificamente, na Igreja agora conduzida por Francisco, que está convencido de que aquilo que o Senhor nos pede em particular, neste momento, é que evangelizemos. É este o tema da minha palestra. Como é que o Papa nos está a chamar para evangelizar nestes tempos de fluxo, de desenraizamento, de *exculturação* do cristianismo?

A primeira metade da minha palestra será em espanhol, a segunda em inglês. Obrigado à equipa de tradução pela sua paciência e profissionalismo. Alguns de vocês perguntaram-me porque é que eu falo espanhol com um sotaque papal. Eu sou britânico, sem ligações ou sangue argentinos, mas, há mais de 25 anos que tenho vindo aqui várias vezes para realizar pesquisas no âmbito do meu mestrado e, mais tarde, para o meu doutoramento em Oxford, tendo como tema a Igreja e a política na Argentina do início do século XX. Aprendi a gostar de mate e a perceber porque é que as vacas felizes produzem o melhor doce de leite. Eu sou a prova de que, às vezes, os doutorados até podem ser úteis; e que Deus, na Sua providência, pode mais tarde vir a fazer uso das coisas que nós vamos construindo nas nossas vidas. Aos 30 e poucos anos, fui durante algum tempo noviço jesuíta em Inglaterra, tempo suficiente para fazer o retiro de mês e ser transformado por essa experiência para, finalmente, abraçar um chamamento como jornalista e escritor. E esses dois dons do meu passado – o meu conhecimento da Argentina e a minha experiência de espiritualidade inaciana – deram-me a confiança para que, em 2013, pudesse ousar, como jornalista católico e comentador da realidade da Igreja, escrever uma biografia de Francisco.

Nos últimos dois ou três anos, tenho trabalhado num novo livro sobre Francisco, uma continuação do *'The Great Reformer'*, que será lançado no ano que vem. Parte da minha pesquisa passou por entender o pensamento da Igreja Latino-Americana que está por trás deste pontificado. Foi assim que conheci o Maurício, um dia, em Quito. Um tema forte do novo livro é a convicção de Francisco de que aquilo que o Senhor quer neste momento é que a Igreja evangelize; e, para isso, a Igreja tem que mudar, uma mudança para a qual o Concílio Vaticano II nos preparou mas que ainda não abraçámos totalmente.

Com os cardeais antes do conclave, Francisco imaginou Jesus não do lado de fora batendo para entrar, mas do lado de dentro, pedindo para ser libertado. Francisco falou de como a Igreja se deixa paralisar pela introversão quando vive da sua própria luz, acabando por ficar doente e

autorreferencial, curvada como a mulher em Lucas 13:10. Francisco apresentou essa imagem por oposição a uma Igreja evangelizadora que coloca Cristo no centro e sai de si mesma para as periferias, para lugares em que há necessidades. O próximo papa, disse Bergoglio aos cardeais, deve ajudar a Igreja a ser uma mãe fecunda que vive da alegria de evangelizar; deve deixar de ser um parálítico aleijado virado para si próprio para passar a ser uma mãe fecunda, evangelizando alegremente – este é o sentido da jornada resumida na frase “uma conversão pastoral e missionária”.

A minha comunicação terá três partes. Na primeira, quero explicar as origens do discernimento de Francisco sobre os sinais dos tempos que o levaram àquele diagnóstico: qual é a causa da paralisia?

Em segundo lugar, vou resumir o que implica a conversão pastoral: o que significa ser uma mãe fecunda. Na parte final, tenho quatro sugestões concretas para nos ajudar a movermos nessa direção.

I. Missão em resposta a uma mudança de época

O discernimento subjacente ao pontificado de Francisco não é apenas dele, mas sim o fruto do discernimento da Igreja Latino-América nos anos que precederam o Encontro Continental do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) em Aparecida, Brasil, em Maio de 2007. Foi a primeira destas reuniões em 25 anos, que acabou com um documento cujo principal autor foi o homem que agora é Papa.

Quando falamos de discernimento, podemos falar de dois tipos: o discernimento dos espíritos na tradição inaciana mas também o ‘discernimento dos sinais dos tempos’ que nos pede a *Gaudium et Spes*. A Igreja do hemisfério norte nunca foi muito bem sucedida nesse esforço mas esse discernimento foi muito bem desenvolvido na América Latina. Aparecida foi o fruto do mais sofisticado de todos os discernimentos sobre os sinais dos tempos alguma vez feito na história da Igreja. Em muitos estudos e reuniões realizadas antes da reunião de Aparecida, o discernimento do CELAM mostrou como as forças da tecnocracia e da globalização estão a destruir o fraco nível de pertença do Cristianismo cultural, ao mesmo tempo que induzem novos pluralismos em conjunto com novas formas de exclusão económica e social e de concentração de riqueza. Esse discernimento demonstrou a necessidade de voltar ‘às raízes da fé Cristã.’¹

Aparecida descreveu esta tendência como uma ‘mudança de época’ em vez de uma ‘época de mudança’ – um tempo de nova turbulência que traz novas oportunidades para aqueles com mais literacia e mobilidade, mas cujo efeito global produz grande angústia na medida em que são dissolvidos os laços de pertença. O CELAM anteviu o crescimento das desigualdades, o declínio dos Estados, as migrações em massa, os desastres ecológicos, uma veneração neo-Darwinista do poder, tecnocracia – realidades que nos são todas muito familiares.

A mudança de época, juntamente com a opção pelos pobres, exigia que a Igreja Latino-americana se colocasse ao lado dos crucificados da nova economia global, abraçando não

¹ Carlos Aguiar Retes, ‘Globalización y nueva evangelización en América Latina y el Caribe’, *Reflexiones del CELAM 1999-2003*, Secretaría General, Doc CELAM no. 165., 3 Março 2003.

apenas aqueles que são pobres em termos materiais, mas também as vítimas de exclusão e solidão nas suas diversas formas – os migrantes, os mais velhos, e outros. Entretanto, o novo contexto de pluralismo cultural e religioso exigia também que o Corpo de Cristo trabalhasse para construir unidade a partir de uma diversidade reconciliada no diálogo e no testemunho partilhado.

Mas a mudança de época também tem implicações para a evangelização, na medida em que a dissolução dos vínculos de pertença estava a destruir os mecanismos de transmissão da fé de geração para geração.² O Evangelho estava a ser exculturado – expulso – da cultura e os meios tradicionais de evangelização estavam a ser varridos por essas mesmas forças de ‘liquidez’.

O Cardeal Bergoglio disse aos seus padres que “o que acontece numa ‘mudança de época’ é que as coisas já não estão no seu lugar. O que nos pareceria normal sobre a família, a Igreja, a sociedade e o mundo, já não será aparentemente assim”. O Catolicismo cultural – um conjunto de regras e proibições, práticas de devoção ocasionais, etc – não irá sobreviver. A Fé católica do futuro vai depender muito mais de um encontro pessoal com Jesus Cristo e da experiência transformadora da misericórdia de Deus.

Aquilo que Aparecida expressou foi o desejo de regressar “àquela atitude que semeou a fé nos primórdios da Igreja”. O que era preciso agora seria não tanto abraçar a ideia de missão como uma actividade ou um programa mas muito mais como um modo de ser: “em permanência” e “paradigmático”. Não apenas sendo ‘ad extra’ mas também ‘ad intra’ ao mesmo tempo. Ao sair para fora, a Igreja é convertida e evangelizada. O desafio passava a ser criar condições para “um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo que gera discípulos e missionários”, aquilo que Bergoglio descreve como o “encontro fundante da nossa fé”. Bergoglio disse que isto requereria reformas espirituais, pastorais e também institucionais para “tornar a Igreja visivelmente presente como uma mãe que sai para fora, uma casa acolhedora, uma escola de comunhão missionária em permanência”.³

Aquilo que Aparecida mostrou é que a tradicional distinção entre países cristãos e territórios de missão deixou de fazer sentido. É este aspecto que a *Evangelii Gaudium* quer que nós apreendamos. Se a Igreja não é missionária, não pode evangelizar; e se não evangeliza, então deixa de existir. É esse o desafio; é também esse o convite, o *kairós*. Daí a famosa frase de Francisco: ‘Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação.’⁴

Gostaria que notassem uma coisa importante nesta história: confrontada com a tribulação da secularização, a resposta da Igreja Latino-americana não é lamentar-se e condenar, mas discernir e reformar. A questão não era tanto como devemos resistir ou combater este ataque ao nosso estilo de vida e valores, mas sim: O que está o Espírito Santo a pedir-nos nestes tempos de rápidas mudanças e liquidez? Em quê devemos mudar para conseguirmos evangelizar?

² Documento de Aparecida [DA] 37.

³ Ver referências em JMB, in A. Spadaro (ed.) *En Tus Ojos Está Mi Palabra: Homilias y Discursos de Buenos Aires, 1999-2013* (Madrid: Claretianas, 2018) esp ‘Volver a las raíces de la fe: la misión como propuesta y desafío’ (2008), ‘El mensaje de Aparecida a los presbíteros’ (2008) & ‘La misión de los discípulos al servicio de la vida plena’ (2009).

⁴ EG 27.

Nota-se aqui uma pedagogia de reforma em nome da Missão como resposta à secularização, muito diferente da resposta do mundo católico do hemisfério norte, com as suas várias reacções à modernidade: uma resposta defensiva assente na ética; um recuo para a nostalgia e para o tradicionalismo; uma busca por novos Constantinos – Putin, Trump, Salvini – ou uma resignação à moda de avestruz, quase cinismo.

Quando vistas através da lente dos Exercícios Espirituais, Bergoglio percepcionou estas reacções defensivas como sinais de tentação característicos dos momentos de desolação, uma desolação espoletada pelo relativismo pós-1968 e pelo secularismo. A sua fina percepção desta realidade foi moldada por uma série de escritos seus nos anos 80 sobre congregações religiosas em tempos de tribulação. Estas tentações⁵ explicavam basicamente as razões pelas quais a visão missionária e evangelizadora do Concílio Vaticano II não tinha sido concretizada. Em vez de se focar em Cristo, a Igreja, tal como Pedro que sai do barco a convite de Jesus, focou-se nas ondas. Em vez de discernir o que o Espírito Santo estava a dizer à Igreja, a Igreja focou-se em defender-se a si própria. Esta era uma forma de paralisia.

Desta opção da Igreja em se focar na defesa dos seus espaços ameaçados, em vez de atender primariamente às necessidades do Povo de Deus, resultou o reforço da noção jurídica, pré-conciliar, da fé como um código moral. Em vez de ser uma fonte de vida e amor, uma especialista em humanidade, um oásis de misericórdia identificada pela sua compaixão e cuidado pelos pobres, a Igreja passou a ser vista como uma corporação focada em si própria, um *lobby* político, severa, moralista, dogmática, etc. É a visão da Igreja e do Cristianismo com a qual nós, como Católicos no mundo de hoje, nos confrontamos todos os dias.

Bento XVI comungava deste discernimento sobre o que correu mal com o Cristianismo contemporâneo, razão pela qual começou a sua primeira encíclica, Deus Caritas Est, com a nota de que “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.” Esta citação aparece no texto de Aparecida e, novamente, na *Evangelii Gaudium*, onde Francisco não se cansa de repetir estas palavras “que nos levam até ao coração do Evangelho”. A verdade absoluta, diz Francisco noutra sítio, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Quando evangelizamos, comunicamos essa relação – a relação ‘Abba’ que Jesus tem com o Pai.⁶

Reduzir a oferta do Cristianismo a algum tipo de conhecimento – ético ou espiritual – é uma particular tentação para Católicos com formação elevada. Na sua mensagem para esta Assembleia, Francisco avisa-nos sobre a ‘ilusão gnóstica’. (Poderá valer a pena ler o segundo capítulo da exortação apostólica *Gaudete et Exultate* para perceber o que ele nos está a dizer quando se refere a uma “espiritualidade desencarnada”. Haverá aqui alguma tentação que, se for devidamente resistida, se pode converter em fonte de graça?). Quando oferecemos algo que é verdadeiro e bom, temos também que recordar o terceiro transcendente – a beleza. Só a beleza de Deus pode atrair; quando somos atraídos, fascinados por essa beleza, queremos

⁵ Os três textos são: ‘*Sobre la Acusación de sí mismo*’ (1984), ‘Prologue to *Las Cartas de la Tribulación*’ (1987) e ‘*Silencio y Palabra*’ in *Reflexiones en Esperanza* (1992). Ver Diego Fares SJ, ‘Contro lo spirito del ‘Accanimento’’, *La Civiltà Cattolica* 2018 II 216-230, #4029 (5/19 maggio 2018).

⁶ Francisco, “Lettera a chi non crede. Papa Francesco risponde al giornalista Eugenio Scalfari”, *La Repubblica*, 4 Settembre 2013.

que outros partilhem dessa beleza, que façam essa experiência. Por isso – tal como Francisco disse aos bispos brasileiros, lembrando Aparecida, - “a Missão começa precisamente nesse divino encantamento, no espanto do encontro”. A Igreja começa a perder fiéis quando introduz uma racionalidade que é estranha às pessoas, quando esquece a ‘gramática da simplicidade’⁷. Em resumo: a beleza de Deus é a experiência da Sua graça e misericórdia, encarnada na pessoa de Cristo, disponível para todos, e de forma especial para os mais pobres.

Isto é especialmente verdade quando falamos de moral e ética. Numa conferência em 2004 no aniversário da encíclica *Veritatis Splendor*, Bergoglio disse que Jesus não nos dá simplesmente um código moral ou uma série de regras e rituais segundo os quais devemos viver; viver o amor ao qual Cristo nos chama é impossível pelos nossos próprios esforços, mas apenas se torna possível, dizia Bergoglio citando a Encíclica, “pela virtude de um dom recebido” – isto é, a Sua graça. Citando Santo Agostinho, Francisco notou como não é o facto de guardarmos os mandamentos que nos torna merecedores do amor de Deus mas o contrário: são a misericórdia e o amor de Deus que nos tornam morais e santos, também misericordiosos e capazes de amar⁸ (Ele tinha feito esta simples nota num retiro em 2012: o Evangelho não nos diz se a mulher adúltera a quem Jesus perdoou em João 8 voltou ao seu estilo de vida pecaminoso e promíscuo, mas poderíamos ter a certeza de que não “porque quem quer que se encontre com tamanha misericórdia não pode fugir da lei; é o que daí resulta”⁹).

Bergoglio fez uma pergunta importante: será que foi o facto de a moral Cristã ter sido tantas vezes reduzida a um preceito tão elevado nas nações ocidentais que levou a humanidade contemporânea a sucumbir ao relativismo? Se a moral é uma forma de código legal, imposto de fora, em vez de uma resposta livre do coração diante da misericórdia de Deus, torna-se uma ideologia vulnerável à manipulação em serviço de interesses políticos ou outros. Nesse caso, o relativismo torna-se uma asserção de liberdade, uma afirmação de autonomia contra uma imposição.

Daí surge a sua crítica, na *Evangelii Gaudium*, aos *eticismos* sem bondade¹⁰. Por *eticismo*, Francisco entende reduzir tudo à ética. O documento critica as “doutrinas que são mais filosóficas do que evangélicas”, aqueles que falam mais de lei do que de graça, mais da Igreja do que de Cristo; ou aqueles que inferem o Cristianismo como uma forma de estoicismo ou abnegação ou um código moral. Antes de tudo o resto, diz-nos Francisco, o Evangelho convida-nos a responder ao amor de Deus que nos salva, a ver Deus nos outros e a sair de nós mesmos para buscarmos o bem de outros. Se este convite não irradia com força e de forma atractiva, o edifício dos ensinamentos morais da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas e este é o nosso maior risco”¹¹.

Bergoglio terá dito aos seus catequistas que a grande perspicácia de Aparecida foi ter percebido que o maior perigo para a Igreja não vem de fora mas de dentro, “da eterna e subtil tentação de nos fecharmos em nós mesmos e pormos uma armadura [abroquelarnos] para

⁷ Almoço com os Cardeais do Brasil, a Presidência CNBB e os bispos da Região, Palácio arcebispal São Joaquim, Rio de Janeiro, 27 Julho 2103.

⁸ ‘*Es posible ser santos*’, in Spadaro (ed) *En Tus Ojos ...* pp 406-413.

⁹ Ver Ivereigh, *The Great Reformer*, cap. 6.

¹⁰ Mal traduzido na versão inglesa oficial por “sistemas éticos desprovidos de bondade”. Francisco não se refere a sistemas mas sim a uma ideologia.

¹¹ EG 39.

nos protegermos e nos sentirmos seguros”¹². A palavra usada por Francisco – *abroquelamiento* – é a mesma que ele usou recentemente numa carta aos bispos do Chile na qual ele os convocava a Roma para discutir a terrível crise de abusos sexuais do país. Francisco escreveu como, em tempos de tribulação, quando nos sentimos “assustados e blindados pelos nossos confortáveis palácios de inverno”, o amor de Deus vem até nós e purifica as nossas intenções para que possamos amar como homens livres, maduros e críticos¹³. Esta é uma descrição poderosa de uma Igreja medrosa e defensiva que não evangeliza: ‘blindada nos seus confortáveis palácios de inverno’. E é uma razão para ter esperança de que, através da tribulação e do falhanço – pelos quais a Igreja está a sofrer – Deus esteja a sair para vir ao nosso encontro, para que possamos mudar, para que possamos também nós experimentar uma conversão missionária e pastoral. Tal como nas nossas vidas, os momentos de derrota são oportunidades para conversão e crescimento.

II. Uma evangelização missionária é próxima e concreta

Portanto: a que deve a nossa evangelização missionária assemelhar-se? Até certo ponto, é impossível responder a esta questão, porque, à medida que saímos dos nossos palácios de inverno, temos que abandonar as nossas ideias pré-concebidas e deixarmo-nos guiar pelo Espírito, como disse o Maurício no Domingo¹⁴. Mas existe claramente aqui uma pedagogia de reforma.

Bergoglio notou depois de Aparecida que uma Igreja com audácia evangelizadora, que ofereça um encontro com a misericórdia de Cristo, precisa de mudanças concretas e uma transformação de mentalidades. Ele chegou a definir, para os seus padres e catequistas, uma lista das atitudes que considerava necessárias e que viria a desenvolver mais tarde na *Evangelii Gaudium*. É uma lista interessante, que vos deixo para reflexão¹⁵.

Uma destas atitudes passava por adoptar uma ‘acção pastoral com um coração de samaritano’. Tal como, nos Exercícios Espirituais, a Santíssima Trindade responde com amor a um mundo pecador mas necessitado, Bergoglio viu a necessidade de a Igreja responder à angústia causada pela modernidade líquida. O símbolo dessa angústia é o migrante – seja o refugiado, a pessoa traficada ou a família que foge da guerra e da pobreza – que é, para Francisco, o ícone do Cristo sofredor no mundo de hoje: ao abraçar o migrante, criamos um novo futuro.

Em 2001, Francisco propôs uma meditação na qual convidava as pessoas a imaginarem-se como um migrante acabado de chegar a Buenos Aires vindo do interior. Só teríamos uma coisa em mente: estarei seguro, serei bem-acolhido, encontrarei abrigo e calor? Encontrarei **hospitalidade**? É a questão colocada por todos os seres humanos contemporâneos que sofrem na pele a des-socialização e o desenraizamento. Esta pergunta é feita de três formas: *afectivamente*, no sentido de que a dissolução dos vínculos de pertença à família, a comunidades, a instituições, está a produzir uma profunda angústia emocional e psicológica; *existencialmente*, no sentido de que é mais difícil ter uma identidade clara, consciência de si

¹² ‘Él llama a cada una por su nombre y las hace salir’, in Spadaro (ed) *En Tus Ojos ...* pp 691-696.

¹³ Carta do Papa Francisco aos bispos do Chile na sequência do relatório de S.E. Monsenhor Charles J. Scicluna, 8 Abril 2018, publicado pelo Vaticano a 11 de Abril.

¹⁴ Mauricio López Oropeza, ‘Mensaje del presidente de la CVX Mundial a la Asamblea de Buenos Aires 2018’.

¹⁵ Anexo 1. ‘Volver a las raíces de la fe: la misión como propuesta y desafío’ (2008) in Spadaro, *En Tus Ojos ...* 745-754.

próprio, fazer planos e construir um futuro; e *espiritualmente*, na perda de transcendência, de sinais e símbolos capazes de conectar o presente com o eterno que a secularização está a provocar¹⁶.

Tal como o bom Samaritano, a resposta da Igreja a esta ferida deve ser também concretizada a três níveis: o primeiro, ajudar as pessoas a religarem-se com a criação e com o mundo como criaturas de Deus, que ‘trabalha continuamente’ por elas; o segundo, experienciar a família e a comunidade como laços de confiança e amor incondicional que ajudam a construir a resiliência, o carácter e a autoestima; e por último ajudar as pessoas a encontrar um espaço de santuário – espaços de paz, privacidade e oração, livres das pressões implacáveis do paradigma tecnocrático, espaços onde as pessoas possam reconhecer o seu valor intrínseco e descobrir a santidade. Podemos ver aqui as bases para as prioridades que Francisco definiu como Papa: reconstruir e restaurar o ambiente humano destruído pela tecnocracia, tal como reflectido nas suas exortações apostólicas – *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia*, *Gaudete et Exsultate* – e, claro, a *Laudato Si*. A palavra *oikos* – a nossa casa partilhada – é a raiz da palavra ‘ecologia’. Francisco é um papa ecológico, apostado em reconstruir os nossos ambientes – natural, eclesial, familiar – para que eles reflectam a hospitalidade e a misericórdia de Deus.

Esta capacidade de acolher é chave para a evangelização. Em Assunção, Paraguai, em Julho de 2015, Francisco disse que o Cristão é alguém que aprendeu a acolher outros, a mostrar hospitalidade. “Quantas vezes vemos a evangelização como algo que envolve várias estratégias, tácticas, manobras, técnicas, como se pudéssemos converter as pessoas com base nos nossos próprios argumentos. Hoje, o Senhor diz-nos muito claramente: de acordo com a mentalidade do Evangelho, não convences as pessoas com base em argumentos, estratégias ou tácticas. Convences as pessoas aprendendo a acolhê-las”¹⁷.

Isto é a hospitalidade e o acolhimento missionários. Temos de sair e acolher. Francisco insiste constantemente que a Igreja tem de ser próxima e concreta, porque é desse modo que Deus salva a humanidade. A Encarnação é próxima e concreta. Numa sociedade líquida e tecnocrática, as tentações da Igreja – o problema com todas as instituições – é tornar-se abstracta e remota, é recuar e refugiar-se em ideias (gnose) ou no funcionalismo (pelagianismo). Se as pessoas estão hoje zangadas com os seus líderes e instituições, é porque a ‘liquidez’ os tornou distantes e despreocupados.

A Igreja deve ir na direcção oposta. Tem de imitar a *synktàkabasis* de Deus, a sua humilhação; tem de mostrar um Deus que atende ao particular, à pessoa, às realidades mais do que às ideias. Atenção é sinónimo de misericórdia. É o tempo que passamos com as pessoas, uma a uma. Confrontado com falta de esperança, o Senhor deixa-se tocar, desce até nós, torna-se próximo. A nossa tarefa, diz Francisco, é redescobrir o Seu modo de se tornar próximo para que possamos então evangelizar. A palavra chave é ‘proximidade’. Tal como ele mencionou num dos sínodos em que participou enquanto bispo: “Encontro, conversão, comunhão e solidariedade são as categorias que melhor expressam a proximidade...que abre o caminho à esperança”¹⁸.

¹⁶ ‘*Acerquémonos a las diferencias*’ (2001), in Spadaro (ed) *En Tus Ojos...* pp 165 et seq.

¹⁷ Homilia, Campo grande de Ñu Guazú, Asunción, 12 Julho 2015.

¹⁸ Referência a publicar.

A mudança do 'abstracto' para o 'próximo' e 'concreto' da conversão pastoral é capturado de forma muito bela no capítulo 2 da *Amoris Laetitia*. Tal como diz Francisco: “Durante muito tempo pensámos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem a necessária abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas”¹⁹. Mas *não funcionou*. O casamento colapsou, no mundo católico como em todos os outros sítios. Num mundo líquido, pós-moderno, uma ideia é apenas uma ideia; é uma narrativa; não tem poder para transformar ou salvar. Numa sociedade cristã, sim – o facto de a Igreja dizer que o casamento é permanente, é equivalente a uma ordem que pode ser obedecida ou rejeitada; mas, numa sociedade líquida, o compromisso com a permanência tem de resultar de uma convicção de coração. Não ajudamos pessoas a casar e a permanecer casadas simplesmente opondo-nos às leis do divórcio ou defendendo o princípio da indissolubilidade, mas sim ajudando a que as pessoas se comprometam, se amem e fiquem juntas. Uma Igreja que é próxima e concreta reconhece que é difícil para as pessoas serem boas, levarem vidas ordenadas, viverem em comunidade e permanecerem juntas. É por isso que a *Amoris Laetitia* não ensina a verdade sobre o casamento - apesar de o reafirmar a cada página; em vez disso, mostra como a graça de Deus nos permite viver essa verdade, por mais aparentemente irregular ou longe da Igreja que possa parecer.

É por sermos misericordiosos – próximos e concretos -, que nos tornamos credíveis. Tal como Francisco diz em *Misericordiae Vultus*, Jesus mostrou-nos que a misericórdia é o critério de credibilidade da nossa fé²⁰. A Igreja é credível quando é misericordiosa porque comunica Quem e Como Deus é. E nada melhor comunica o ser de Deus do que ser misericordioso e agir misericordiosamente – é por isso que, em *Gaudete et Exsultate*, Francisco insiste que o coração do Evangelho está no capítulo 25 de Mateus e nas Bem-Aventuranças. A misericórdia é sempre expressa em acção: *misericordiar*. A misericórdia nunca fica de fora, a abanar as mãos ou a dar lições; ela entra connosco. Nas palavras de James Keenan SJ, a misericórdia é a “vontade de entrar no caos do outro” – isto é a Encarnação²¹.

Quando Francisco refere, na *Evangelii Gaudium*, a “hierarquia de verdades e doutrinas católicas”, ele está a referir-se a uma prioridade missionária. Todas as verdades reveladas são importantes mas algumas são expressão directa do coração do Evangelho e são exactamente aquilo que as pessoas precisam de ouvir antes de qualquer outra coisa. “Neste centro essencial, o que brilha em primeiro lugar é a beleza do amor salvador de Deus manifestado em Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou dos mortos”. É por isso que ele diz, no parágrafo seguinte, que as “obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito”. As pessoas podem ser convencidas pela verdade, ou inspiradas pela bondade, mas só se primeiro tiverem sido cativadas pela beleza; e a beleza de Deus é a sua misericórdia. Sem essa beleza, como Francisco disse em 2010, “a verdade torna-se fria, impiedosa e arrogante”. Num retiro que deu em certa ocasião, Francisco falou da verdade como sendo uma pedra preciosa na mão de uma pessoa: se for oferecida, seduz; se for atirada, fere.

¹⁹ AL 37.

²⁰ MV 9.

²¹ James Keenan, ‘The scandal of mercy excludes no one’, *Thinking Faith*, 4 Dezembro 2015.

A misericórdia cativa por ser um reflexo da gratuidade, que comunica quem e como Deus é – o dom da vida, dada livremente, recebida livremente. Na Igreja primitiva, o amor desinteressado por aqueles que sofriam demonstrado pelos cristãos– que fluía da sua experiência directa do amor de Deus em Cristo – espantava e escandalizava as comunidades em seu redor, quer fossem judias ou pagãs. É isso que Francisco²² quer que a Igreja missionária de hoje recapture – a gratuidade da misericórdia. Por isso, a primeira tarefa de um discípulo missionário é permitir, através da sua misericórdia, um encontro com a gratuidade de Deus (a sua misericórdia, o seu perdão, a sua graça). A isso, segue-se a transformação ética.

Esta é uma das razões pelas quais Francisco não se lamenta constantemente por causa da secularização: ele discerniu-a como uma oportunidade para recuperar a gratuidade²³. É a isto que Francisco se refere quando diz que este é um tempo de *kairós*, de misericórdia. A secularização, o triunfo da tecnocracia, a exculturação do Cristianismo da lei e cultura ocidentais, o falhanço institucional da Igreja – é como se tudo estivesse agora orientado para nos levar a visitar o próprio nascimento da Igreja, a voltar às suas fontes, ao seu vigor missionário assente numa experiência directa do amor misericordioso de Deus. É isto que Francisco está a convidar a Igreja chilena a ver este ano, começando pelo seu discurso na Catedral de Santiago em Janeiro, passando pelas suas duas poderosas cartas aos bispos chilenos e, finalmente, pela sua carta de 31 de Maio ao Povo de Deus do Chile, que eu também partilharei convosco²⁴.

Vale realmente a pena ler estas cartas para perceber como Francisco está a tentar ajudar a Igreja no Ocidente, um sítio onde a Igreja era forte e é agora fraca. O seu modelo é o da transformação de Pedro de discípulo em apóstolo em resultado do perdão que Jesus Ressuscitado lhe dá por Pedro O ter abandonado e traído na Crucificação. O perdão permite a Pedro passar de um registo de foco em si próprio, ruminando na sua desolação e nos seus perseguidores, para um registo orientado para o exterior – para a missão e para a evangelização. “Uma Igreja ferida não se faz a si própria o centro das coisas, não acredita que é perfeita mas antes põe no centro aquele que pode curar essas feridas, cujo nome é Jesus Cristo. Conhecer a Pedro desalentado e a Pedro transfigurado é um convite a deixar de ser uma Igreja de infelizes e desalentados para ser uma Igreja que serve todos aqueles que andam infelizes e desalentados no meio de nós”. É este o caminho de conversão que Francisco lhes está a apontar a eles – e, indirectamente, a nós também²⁵.

Na sua carta ao povo de Deus no Chile, Francisco mostra como abandonar uma cultura abusiva significa reconectar-se com o povo de Deus e reconhecê-lo como sujeitos e objectos de evangelização, como discípulos missionários. Como ele disse aos Jesuítas na Colômbia – e os jesuítas aqui presentes lembrar-se-ão de ele dizer o mesmo nos anos 80 – “somos muitas

²² Rodney Stark, *The Triumph of Christianity: How the Jesus Movement Became the World's Largest Religion* (HarperOne 2012).

²³ Christoph Theobald SJ, *Urgences Pastorales: Comprendre, Partager, Réformer* (Bayard, 2017) pp 68-69.

²⁴ Esta resposta poderá ser encontrada, em primeiro lugar, no seu discurso ao clero e religiosos na Catedral de Santiago a 16 de Janeiro; e depois em três cartas: a primeira aos Bispos do Chile depois de ter recebido o relatório do Arcebispo Scicluna, a 8 de Abril; a segunda, que Francisco entregou aos Bispos do Chile no primeiro dia da cimeira de emergência realizada em Roma, a 15 de Maio, de natureza privada mas da qual saíram relatos na imprensa; e a terceira, a sua carta ao Povo de Deus do Chile de 31 de Maio.

²⁵ Discurso do Santo Padre, Catedral de Santiago, 16 de Janeiro de 2018. Sobre as orientações de Francisco à Igreja Chilena, ver Austen Ivereigh, *'Discernment in a time of tribulation: Pope Francis and the Church in Chile'*, *Thinking Faith*, 8 Maio 2018.

vezes tristemente tentados a evangelizar para o povo de Deus mas sem o povo de Deus. Tudo para o povo mas nada com o povo”²⁶. “O Povo de Deus não tem cristãos de primeira, segunda ou terceira classe”, diz Francisco aos fiéis do Chile. “A sua participação não é uma questão de boa-vontade ou de concessão, é antes constitutivo da natureza da Igreja. É impossível imaginar um futuro sem essa união operando em cada um de vós, o que certamente exige e requer novas formas de participação”²⁷. Se não sentirmos estas palavras como sendo dirigidas a nós, não estaremos alinhados com este papado.

Por último, aquilo que está por trás deste apelo de Francisco a uma conversão missionária e pastoral, como resposta a esta mudança de época, implica também a necessidade de pedirmos a graça da consolação e da alegria. Quando S. Inácio falava de consolação nos Exercícios, ele referia ‘todo o aumento de esperança, fé e caridade, toda a felicidade interior’ – a palavra espanhola é *leticia* – ‘que chama e atrai todas as coisas do céu’. Reparem nos títulos das três exortações apostólicas - *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia* e *Gaudete et Exsultate* – e torna-se claro que Francisco pensa que há qualquer coisa que falta, alguma coisa que ele está a tentar recuperar. Francisco disse aos Jesuítas em 2016 – mas isto aplica-se a todos os evangelizadores – que o seu “verdadeiro trabalho” era “consolar os fiéis e, através do discernimento, ajudá-los a evitar que o inimigo da natureza humana lhes roube a alegria: a alegria de evangelizar, a alegria da família, a alegria da Igreja, a alegria da criação...”. É uma alegria que vem, claro, da aceitação agradecida de que tudo é dom²⁸.

III. Quatro sugestões para abraçar a missão

Usei até agora várias palavras e expressões que são particularmente significativas para capturar o espírito desta transição:

- transformação missionária
- conversão pastoral
- próximo e concreto
- misericórdia
- graça
- hospitalidade
- gratuidade
- credibilidade
- Povo de Deus
- consolação
- alegria

Talvez uma ou duas destas palavras vos tenham surpreendido, por causa do que estão a fazer ou pelo que poderão ser convidados a fazer. Gostaria de terminar com quatro sugestões que podem ajudar a estimular este sentido de missão.

1. Ler o decreto AD GENTES

A minha primeira sugestão é que leiam o decreto do Concílio Vaticano II sobre a missão da Igreja, *Ad Gentes*. É curto e descreve exactamente o Ocidente neste momento – ‘às vezes, as

²⁶ Encontro privado do Papa com os Jesuítas, <http://www.jesuitas.org.co/docs/809.pdf>.

²⁷ Francisco, ‘*Al pueblo de Dios que peregrina en Chile*’, 31 Maio 2018.

²⁸ EE 336

circunstâncias são tais que não permitem qualquer possibilidade de expor o Evangelho directa e imediatamente...’ (#6) – e ajuda a pensar sobre evangelização em contextos de hostilidade, incompreensão ou simples ignorância.

O futuro da Igreja é descrito em *Ad Gentes*, porque esse é o contexto de uma mudança de época. Uma Igreja missionária não se pode dar ao luxo de ser clerical; requer um laicado cristão maduro que possa actuar como missionário com treino apostólico adequado. Tem que ser uma diáspora missionária – talvez com paróquias e escolas e redes complexas mas o paradigma e a abordagem têm de ser aquele aqui descrito. Nós estamos numa Igreja que está presa entre estes dois modelos, movendo-se de um modelo de Cristandade para um paradigma missionário, que é aquilo que Francisco quer precipitar. O que é necessário é uma missão que acontece numa espécie de espaço de vanguarda a ser ocupado por grupos pequenos e adaptáveis com um *eros* missionário.

Será este o momento para que a CVX se veja com a liberdade e mobilidade suficientes para ajudar a mostrar o caminho, a criar espaços onde a Igreja possa recuperar o seu dinamismo missionário num contexto de secularismo? Será por isto que a CVX prosperou especialmente em França e no Uruguai, capitais do laicismo?

Na comunicação que vos fez em 1979, o Padre Arrupe falou da CVX como um ‘movimento espiritual essencialmente laico, com os seus limites, sim, mas também com as oportunidades apostólicas que isso implica’²⁹. Se juntarem isto ao que Francisco diz sobre o facto de o Povo de Deus ser agora essencial à missão e à evangelização, parece-me que têm uma forma de redescobrir e activar a identidade que Deus vos deu como discípulos missionários leigos. Leiam o decreto *Ad Gentes* e talvez se revejam a vocês próprios ali.

2. Abracem a tripla dinâmica da misericórdia

A minha segunda sugestão é que leiam a exortação apostólica *Amoris Laetitia* porque aí verão Francisco procurando levar a Igreja para um registo missionário na área vital do casamento e da família. Mencionei o capítulo 2, que é essencial, mas gostaria também de vos convidar a reflectir na tripla dinâmica do capítulo 8: acompanhamento, discernimento e integração. Estes três passos reflectem o movimento da misericórdia, que pode ser expresso como

- (a) intuir a necessidade (estar desperto para o sofrimento e para a angústia);
- (b) responder de forma concreta (as obras de misericórdia, que respondem a todos os tipos de necessidade) e;
- (c) um terceiro estágio de integração, incorporação, salvação, que envolve uma atenção cuidada ao trabalho da graça nas vidas fragilizadas das pessoas.

Nestes três passos da misericórdia, nós experimentamos, literalmente, o amor salvador de Deus. Ser salvo por Cristo é ser salvo desta forma; e evangelizar é oferecer esta experiência. Estaremos a oferecer esta tripla dinâmica naquilo que vamos fazendo como comunidade? Quão bem executamos cada um desses passos?

²⁹ P. Pedro Arrupe SJ, ‘Una comunidad al servicio de un solo mundo’, Discurso à Assembleia Mundial da CVX, 13 Setembro 1979.

A misericórdia é uma oferta e uma experiência sempre acompanhada de alegria, que nasce da recordação agradecida da acção de Deus em nós – é por isso que Francisco insiste tanto em que façamos o esforço de recordar essa acção nas nossas vidas e nas histórias das nossas nações.

3. Adivinhos de água

Devo esta terceira sugestão ao jesuíta e teólogo francês Christoph Théobald, no seu livro *Urgências Pastorais*, onde ele fala sobre '*le charisme des sourciers*', significando o carisma daqueles que descobrem fontes, ou 'adivinhos de água'. Théobald está a falar daquelas pessoas nas nossas comunidades que conquistam espontaneamente a confiança de outros; que são conhecidos por serem 'ouvintes empáticos' e que dominam a arte da conversação espiritual. Descobrir e reconhecer este ministério da escuta, este carisma, é crítico para as comunidades missionárias em sociedades líquidas e muito móveis, onde as pessoas estão constantemente a chegar e a partir³⁰.

Sourciers traz-me à memória o episódio de Jesus com a mulher samaritana na fonte, é um ministério de atenção àquilo que oprime e liberta as pessoas. Oferece uma porta de entrada para a hospitalidade que nós, como Igreja, podemos oferecer à sociedade contemporânea.

4. Reconciliadores

Finalmente, gostaria de vos convidar a ponderar os quatro princípios da *Evangelii Gaudium* (217-237), que Francisco propõe para que as pessoas possam crescer em paz, justiça e fraternidade. Quando li a EG pela primeira vez, não compreendi inicialmente por que razão ele os incluiu num documento sobre evangelização mas, quanto mais aprofundo o seu discernimento sobre a modernidade, mais entendo porque é que a construção da fraternidade é um sinal claro do Evangelho num mundo polarizado. Apenas a título de exemplo, refiro o discurso de Francisco na Universidade Católica de Santiago do Chile em Janeiro, no qual ele falou sobre a perda de sentido de um povo, da família e da nação; Francisco alertou ainda para o facto de a vida se vir a tornar cada vez mais fragmentada, conflitual e violenta. Parece-me que estamos a ver isto mesmo neste momento – no mundo e na Igreja.

Gostaria de vos convidar a reler essas palavras à luz de um livro que foi publicado em italiano no ano passado: uma biografia intelectual de Francisco do escritor Massimo Borghesi, que foi escrita com a cooperação do próprio ('Una biografia intellettuale'). Poderão confirmar quão poderoso é o pensamento de Francisco, especialmente acerca da Igreja como uma *coincidentia oppositorum*, um lugar onde elementos em tensão polar podem permanecer juntos e tornar-se cadeias de um novo processo, como Francisco refere na *Evangelii Gaudium*.

A Modernidade é dominada, como sabemos pela grande tríade da Revolução Francesa: liberdade, igualdade, fraternidade. As duas primeiras foram promovidas com grande vigor, em particular a segunda: igualdade; mas elas avançaram à custa da fraternidade. A liberdade e a igualdade têm valor legal e podem ser promovidas pela política e pela lei; mas a fraternidade é um assunto moral e espiritual.

³⁰ Theobald, *Urgences Pastorales*, pp 315-6.

Há muitas forças que tentam polarizar-nos, forçando-nos a escolher identidades, a tomar posições numa série de falsas verdades. Neste contexto, evangelizar é também mostrar que é possível criar uma cultura de encontro, de inclusão e de uma diversidade reconciliada.

Ser capaz de discernir a diferença entre uma verdadeira contradição, bem versus mal, sem nos deixamos polarizar por contrastes que não estão verdadeiramente em oposição - este é o trabalho da Encarnação, que é forte e activo no mundo sempre que lemos os sinais dos tempos à luz do Evangelho e da nossa oração, e nos tornamos construtores activos de paz e agentes de reconciliação nos nossos locais de trabalho e famílias, na nossa vida cívica e na Igreja – e podemos mostrar e ensinar a outros como fazer isso, como ser sinal da presença de Deus no nosso mundo turbulento.

Quero deixar-vos com as palavras de Francisco à Acção Católica em 2017: “a missão não é uma tarefa entre outras, é A missão”. Francisco deu-lhes ainda este conselho: *“Evitem cair na tentação do perfeccionismo, de quem se prepara sem fim para a missão com análises intermináveis que, quando acabadas, já estão obsoletas. Jesus, com os seus apóstolos, deu-nos o melhor exemplo: enviou-os com o que tinham. Depois reencontrou-os e ajudou-os a discernir sobre o que tinham experienciado. Deixem a realidade ditar os tempos e os locais e deixem que o Espírito Santo vos guie. Ele é o mestre interior que ilumina o nosso trabalho quando estamos livres de preconceitos e condicionamentos. Aprendemos a evangelizar evangelizando, tal como aprendemos a rezar rezando, desde que para isso tenhamos disposição”*³¹.

No domingo passado, estive com os jovens da paróquia do Padre Rafa³² que lideraram os quatro dias de missão na paróquia. Tinham muitas histórias para contar sobre a fé que encontraram, bem como histórias de vida e sofrimento e muito mais. Estavam incrivelmente comovidos. Uma delas disse que o seu coração estava ‘quase a rebentar de tão cheio’; outro comentou que caiu na conta de que, ‘ao missionar, fomos missionados’. Ao missionar outros, foram eles próprios missionados. É isto que estamos convidados a experimentar hoje e na Igreja para a qual Francisco nos chama.



³¹ Ao Congress of the International Forum of Catholic Action (IFCA), Synod Hall, 27 Abril 2017.

³² Nota da tradução: paróquia nas cercanias do Colégio de S. Miguel visitada pelos delegados da AM2018 no Dia de Imersão.